

## DESENVOLVIMENTO HUMANO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UM ENFOQUE ECOLÓGICO SOB A PROFISSÃO DOCENTE.

<sup>1</sup> *Malco Rodrigo de Oliveira Santos*

<sup>2</sup> **Orientadora: Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.**

<sup>1</sup> Universidade de Taubaté/Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa, malcorodrigo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Universidade de Taubaté/Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa, edna.chamon@gmail.com

**Resumo-** Quando opta-se por uma determinada profissão, traz-se implícito nesta escolha, algumas representações, valores e crenças, que estão relacionadas diretamente ao nosso modo de vida, às nossas experiências e vivências subjetivas, que se encontram, por vezes, influenciadas por pessoas, processos, contextos que envolvem questões: sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas. Este artigo constituiu-se como uma abordagem bibliográfica, procurando refletir sobre o que leva um indivíduo a optar pela profissão docente, identificando como as interações entre os sistemas da Teoria Ecológica de Bronfenbrenner podem contribuir para com a constituição identitária de docentes e escolha de sua profissão.

**Palavras-chave:** Professor, Profissão, Identidade, Desenvolvimento Humano.

**Área do Conhecimento:** Humanas - Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

### Introdução

São inúmeros os estudos que explanam sobre a eficácia e a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem, Nuttal (1989), Mortimore (1988) e Mortimore (1991) muitos destes focados apenas na eficácia da Escola, mostrando que ela tem tido de fato um impacto significativo nos resultados escolares dos alunos.

Mas quando pensamos no professor (um dos personagens neste processo), muitas questões se vêm à tona, e que por vezes, não são muito exploradas, conforme levantamento nas bases de dados, quando se procura compreender o seu papel nesse processo, como, por exemplo: o que o motivou de fato a se inserir neste ambiente de formação dos outros e por que não dizer formação de si, quais as influências e impactos que seu ser docente implica na vida dos outros, da família, da sociedade.

Com o objetivo de se aprimorar estes processos de ensino-aprendizagem, a Psicologia vem buscando novos paradigmas capazes de dar conta destes processos, onde se procura cada vez mais, entender o desenvolvimento humano por meio da observação do comportamento humano em vários sistemas de interação de múltiplas pessoas, levando em conta aspectos do ambiente, além da situação imediata que contém o sujeito. Uma das perspectivas científicas evolutivas é a chamada "Ecologia do desenvolvimento humano", desenvolvida por Bronfenbrenner (1996).

### Metodologia

Esta artigo é uma proposta de trabalho que se insere na linha de pesquisa Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais pertencente à Universidade de Taubaté - UNITAU e tem como objetivo refletir sobre a construção da identidade do professor, afim de se despertar possíveis leituras para se compreender o processo de construção identitária da escolha da profissão docente, considerando, neste caso, o sistema ecológico proposto por Bronfenbrenner.

### Resultados

Ao se realizar o levantamento de pesquisas realizadas sobre a temática docente na base de dados scielo, considerando o modelo de Bronfenbrenner, percebeu-se que de 60 artigos pesquisados apenas 3 falavam sobre Educação, mas nenhum procurando explorar a construção da identitária do professor sob a ótica de Bronfenbrenner, considerando os seus sistemas.

### Discussão

Segundo Dubar (2002) a docência vive um momento de desvalorização, isto se percebe nas falas e brincadeiras que, por vezes, satirizam esta profissão a vendo em alguns casos mais como ocupação (adequação ao mercado de trabalho), ao invés de entendê-la propriamente como profissão (sentido pleno da palavra).

Com o objetivo de se aprimorar estes processos de ensino-aprendizagem, a Psicologia

vem buscando novos paradigmas capazes de dar conta destes processos, onde se procura cada vez mais, entender o desenvolvimento humano por meio da observação do comportamento humano em vários sistemas de interação de múltiplas pessoas, levando em conta aspectos do ambiente, além da situação imediata que contém o sujeito. Uma das perspectivas científicas evolutivas é a chamada "Ecologia do desenvolvimento humano", desenvolvida por Bronfenbrenner (1996).

A Ecologia do Desenvolvimento Humano envolve, por assim dizer, o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esse ambiente, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

Esta teoria ao referir-se ao movimento de progressiva acomodação mútua entre sujeito e meio, enfatiza um processo constante de mudança. Isso implica em dizer que ao modificar uma parte o todo será modificado, ou ao contrário, desestruturando uma parte, as demais serão também desestruturadas. Segundo Bronfenbrenner (1996) o ambiente está formado por complexos sistemas nos quais se pode identificar e diferenciar aspectos fisiológicos, biológicos, sociais, culturais e temporais. Todos estes aspectos interagem entre eles e com a pessoa que faz parte do mesmo meio. Este meio é concebido topologicamente como um conjunto de estruturas concêntricas denominadas respectivamente, de microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. Todos esses sistemas se relacionam entre si formando uma rede de relações.

Para Alves (2002) a Teoria dos Sistemas Ecológicos "considera quatro núcleos básicos, que interagem entre si, dinamicamente: Pessoa, Contexto, Processo e Tempo". Nessa concepção teórica, as competências necessárias ao professor podem ser consideradas como sendo o produto dessas sucessivas inter-relações.

Assim, quando se pensa sobre a prática e atuação do docente, podemos identificar muitos aspectos da Teoria dos Sistemas Ecológicos, o processo de se construir e se constituir professor, só é possível, quando estamos imersos no ambiente de sala de aula e nos ambientes que refletem e propiciam o acontecimento deste ser docente. É na interação com os alunos, outros professores (mais experientes ou não), com o corpo técnico-administrativo e de gestão da Instituição que modificações ocorrem, tornando

este indivíduo professor e assim mediador para formação de outros indivíduos.

À medida que se vive a sala de aula e o ambiente de formação, este indivíduo, o professor, vai experimentando, gradativamente, a condição de ser professor, e com isso vai se transformando, inclusive no modo de se reconhecer e se relacionar com o outro (alunos, funcionários, família, comunidade...). O professor experimenta, saboreia, se constitui e vai sendo constituído pela experiência. Logo a prática da docência é este constante processo dialético de construir, desconstruir e reconstruir, fazer e refletir, errar e acertar, e assim continuamente, a cada dia, se fazer professor, compreendendo a sua construção identitária. Logo surge este personagem, o professor. Mas quem é ele? Qual a sua história de vida? O que o levou a optar por esta profissão?

Quando Teixeira (2008) critica a formação contínua do professor se esquece de se destacar o fato de que se a formação inicial é ineficiente, com a vivência, é possível que os indivíduos se constituam excelentes professores e não poderia ser diferente quando compreendemos que estamos envolvidos num processo de acomodação progressiva em meio a um ambiente em constante transformação e o ambiente educacional é uma possibilidade dessa interação.

Ao se analisar a etimologia da palavra "profissão" percebe-se que ela vem do latim "professio", do ver o "profiteri", que significa confessar, testemunhar, declarar abertamente. Esta palavra surge ligada a uma forma de vida que é publicamente assumida e reconhecida. E ao se falar do professor é relevando o fato que era exigido aos primeiros professores universitários que fizessem uma profissão de fé, numa cerimônia pública, num misto de influências laicais e religiosas. Neste sentido "profissão" se diferenciava de "ofício", porque a profissão era algo assumido publicamente, reconhecido; já o ofício estava ligado à idéia de negócio, ao trabalho manual e hereditário. Olhar a palavra professor e profissão nos leva, nos tempos atuais, a refletirmos sobre os termos profissão, profissionalismo e profissionalização, que este indivíduo está inserido, e que por serem polissêmicos são alvos por muitas vezes de ambigüidades (POPWEKITZ, 1995, p.38).

Sobre o conceito de profissão, alguns autores destacam que a sua utilização não é fixa ou universal, independente do tempo e do lugar, ao contrário, "profissão é uma palavra de construção social, cujo conceito muda em função das contradições sociais em que as pessoas a utilizam" (POPWEKITZ, 1995, p.38). Também não é neutro, "mas produto de um determinado conteúdo ideológico e contextual", em termos

gerais, "o profissionalismo na docência implica uma referência à organização do trabalho dentro do sistema educativo e à dinâmica externa do mercado de trabalho" (IMBERNÓN, 2001, p.25-26).

Logo se compreende que a busca pelo profissionalismo envolve características e capacidades específicas da profissão, considerando toda complexa variedade de saberes a que um profissional deve se submeter para desempenhar bem o seu trabalho com dignidade, justiça e responsabilidade. O profissionalismo seria "o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade deste ser professor" (SACRISTÁN, 1999, p.65).

Diante de tudo isso, podemos refletir sobre diferentes épocas, onde o professor foi assumindo papéis diferenciados e "se consolidaram como profissão num tempo que pertence definitivamente ao passado, e que, portanto, se encontram agora numa encruzilhada de opções" (NÓVOA, 1999, p.11).

A respeito dos significados e sentidos do trabalho docente, Basso (1997) propõe uma articulação dialética entre as condições subjetivas (interesse, vocação, amor) e as condições objetivas (troca de experiências, jornada de trabalho, salário). Tal articulação apresenta-se como um caminho para a compreensão do trabalho docente, permitindo o delineamento de possíveis intervenções visando à reformulação da prática do professor e de sua formação.

Nessa perspectiva, "o trabalho do professor, não se reduz à soma das partes, mas sim em suas relações essenciais, em seus elementos articulados, responsáveis pela sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento". A análise do trabalho docente, assim compreendido, pressupõe o exame das relações entre "as condições subjetivas - formação do professor - e as condições objetivas, entendidas como as condições efetivas de trabalho, englobando desde a organização da prática - participação no planejamento escolar, preparação de aula. - até a remuneração do professor" (BASSO, 1997, p. 20).

Para nos aproximarmos de possíveis respostas aos questionamentos descritos até aqui, sente-se a necessidade de um suporte teórico-metodológico capaz de revelar não apenas respostas, mas indícios do contexto da construção dessas representações, um referencial que possibilite compreender os sentidos que os professores atribuem à profissão? Por que a escolheram? O que os influenciou nesta escolha?

Para contribuir para com estas questões duas teorias nortearam este artigo, além da Ecologia do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner será a Teoria da Construção Identitária, tal como proposta por Mead e Barbier que constitui-se como pertinente para compreender os sentidos atribuídos pelos professores ao ser docente, especialmente pelo seu viés psicossociológico, que propõe tornar passível de melhor compreensão os fenômenos sociais e o Interacionismo simbólico de Hughes(1967) que entende o termo profissional como categoria de vida cotidiana, que pressupõe prestígio e valor e que nos remete a entender melhor o mercado de trabalho, onde este profissional – professor- está inserido e contribui para sua formação.

Neste processo de socialização pelo qual passa o docente, integrando um grupo profissional e social, o indivíduo (docente) está em contínua interação com os outros e em permanente reconstrução individual. A teoria do interacionismo simbólico, desenvolvida no campo da psicologia social e da sociologia, assenta nos trabalhos de Mead (1934). Esta teoria fundamenta-se num conjunto geral de premissas acerca da definição do *self* do indivíduo e do conceito de sociedade. Existem duas premissas básicas, uma, respeitante à significação do *self* através da interação com os outros, a outra, relativa ao conceito de sociedade como produto resultante das interações coordenadas dos indivíduos.

A primeira premissa da teoria sustenta que o desenvolvimento do sentido de *self* se desenvolve nos seres humanos pela interação de cada indivíduo com o Outro. As nossas relações com os outros estão condenadas à incerteza, pois o EU nunca está segura se a maneira como se vê a si mesmo é coincidente com a maneira como os outros o vêem. Os outros respondem verbal ou não-verbalmente (i) sobre aquilo que ele ou ela faz ou diz, (ii) sobre aquilo que ele ou ela seria suposto fazer ou dizer, (iii) sobre a valia e o mérito daquele indivíduo e (iv) sobre o modo como o indivíduo é identificado. A maneira como os outros respondem acarreta o modo como cada indivíduo delimita o *self*. A outra premissa estabelece que a sociedade requer coordenação e cooperação entre os indivíduos e a sociedade. As leis, regras e padrões relativos aos comportamentos esperados desenvolvem-se nas sociedades para ajudar os indivíduos a interagir e a viver em coesão.

Desde que uma pessoa nasce e experiência a vida, o *self* muda continuamente, ajusta-se, circunscreve-se. Damhorst (2001) refere o processo *looking glass self* de Cooley

comparando este processo de desenvolvimento ao olhar para o espelho, o qual impõe as linhas que delimitam o olhar do indivíduo sobre si mesmo perante o que lhe é transmitido pelo outro. Estas linhas gerais dizem respeito (i) ao modo como os indivíduos imaginam como os outros os percebem, ou levam-nos a interrogar-se acerca do modo como aparentam perante os outros, (ii) ao impacto da reacção de rejeição ou aceitação dos reflexos de si pelos outros. Assim, aquilo que cada indivíduo é, depende (i) com quem interage, (ii) das reacções dos outros em relação a si, e (iii) da repercussão destas reacções na orientação dos comportamentos.

O fenómeno da identidade é de extrema complexidade e ao abordá-lo incorre-se inclusive em riscos, pois como afirma Erikson “quanto mais se escreve sobre este tema, mais as palavras instauram uma limitação à volta de uma realidade tão insondável como invasora de todo o espaço” (citado em Dubar, 1997, p.103-104). O mesmo psicólogo ainda refere que a identidade nunca está definitivamente terminada e que os indivíduos atravessam obrigatoriamente crises resultantes daquilo que ele denomina como *fissuras do eu*.

Em um processo de construção identitária podem ocorrer mudanças identitárias, do ponto de vista da identidade profissional, podem ocorrer quando o Eu profissional – a imagem que o indivíduo têm de si mesmo – recebe sinais negativos contínuos e consistentes de si mesmo (avaliação negativa de seus feitos ou potencialidades) ou dos “outros significantes” (que podem ser seus pares, superiores, clientes ou qualquer pessoa ou grupo social que se relacione profissionalmente ao indivíduo). E neste sentido a construção identitária do professor também não escapa de tais situações e mudanças planas.

Em relação aos professores, percebe - se que esses sinais negativos podem ser representados através da insegurança sobre seus próprios conhecimentos (representados, muitas vezes, pela ausência de um diploma universitário, por exemplo), pela desvalorização da escola junto a diversos setores da sociedade (falta de imissão por parte do governo, insatisfação com a formação por parte do mercado, descontentamento com a qualificação dos professores por parte dos alunos), pela desvalorização da própria profissão docente (descrédito dos salários, sobrecarga de atividades).

Esse engajamento do indivíduo em formação é função de transformações identitárias que ele experienciou ao longo da vida

e da significação que ele lhes atribui globalmente. Barbier (1996) identifica várias formas de dinâmica identitária relacionadas com a formação: dinâmicas de diferenciação identitária, dinâmicas de confirmação identitária, dinâmicas de afirmação identitária individual e coletiva, dinâmicas de preservação identitária, dinâmicas de reserva identitária, dinâmicas de aquisição identitária, dinâmicas de restauração identitária.

Sendo assim, muitas dessas dinâmicas podem ser encontradas na construção identitária de professores, especialmente daqueles que se encontram e formação continuada.

### Conclusão

Ao se analisar a escolha de uma profissão, é necessário entender a importância da aquisição de uma Formação Formal, que qualifique um indivíduo para o exercício de um determinado ofício. Mas para que isto ocorra também se faz necessário, a contribuição e a interferência de um outro profissional que faça a mediação entre os saberes, habilidades e competências que são próprias para a constituição, desenvolvimento e prática de um determinada profissão. A este profissional que faz esta mediação, chamamos Professor. O que nos remete, então, a concluir que não há conhecimento formal (no sentido pleno da palavra) e nem a qualificação de um profissional sem que haja a mediação de um Professor.

É a partir desta constatação que surge o interesse e a intenção de se compreender o que leva um indivíduo a optar pela profissão docente, considerando ainda, quais fatores são e foram decisivos para esta opção profissional. Levando em conta a importância de se compreender sua história de vida e o modo como se constrói sua identidade.

Ao se falar em identidade profissional dos professores, percebe-se ainda que ela passa, como a dos outros grupos ocupacionais, por fortes repercussões das transformações ocorridas no mercado, bem analisadas por Dubar (2002). Mas, além dessas repercussões, que atingem a todos, dentro do magistério a questão da identidade sempre passou por imposições decorrentes de uma fragilidade, própria de um grupo cuja função não parece tão específica aos olhos da sociedade, especialmente no caso dos professores do Ensino Básico, ao ponto de levar certos adultos a pensarem que qualquer um deles pode exercê-la, ainda segundo Dubar (2002). Na ótica de Lüdke (2004) o grande número de pessoas que a exercem, com diferentes qualificações, também concorre para essa fragilidade, assim como, o crescente número de mulheres, o que alguns

autores consideram um traço das ocupações frágeis, ou, no máximo, semi-profissões.

## Referências

- ALVES, Paola Biasoli, KOLLER, Sílvia Helena, SILVA, Aline Santos *et al.* **Atividades cotidianas de crianças em situação de rua.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, sep./dic. 2002, vol.18, no.3, p.305-313.
- BARBIER, J. M. De l'usage de la notion d'identité en recherche, notammen domaine de la formation. **Education permanente**, n. 128, 1996. p. 11-26.
- BASSO, I. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos Cedes**, vol. 19, n. 44, abril, 1997, p. 19-32.
- BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano:** Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- DUBAR, C. **La crise des identités: l'interprétation d'une mutation.** Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- \_\_\_\_\_ **A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais.** Porto: Porto Editora, 1997.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORTIMORE, P. (1991). **The nature and findings of school effectiveness research in primary sector.** Em S. Riddell e S. Brown (eds) *School effectiveness research: its messages for school improvement*, HMSO: Londres.
- NÓVOA, Antonio. (org.) **Profissão Professor.** 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **História da educação: percursos de uma disciplina.** *Análise Psicológica*, Lisboa, n.4, 1996.
- NUTTAL D N, GOLDSTEIN H, PROSSER R E RASBASH J (1989). **Differential school effectiveness.** *Journal of Educational Research*, 13:769-776.
- POPKEWITZ, T. S. Profissionalização e formação de professores: algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial. In: NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor.** 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.